

O Ocidente Redescobre o Japão: O *Boom* de Mangás e Animes

Selma Martins Meireles*

Resumo: Mangás (histórias em quadrinhos) e animes (desenhos animados) japoneses são uma excelente fonte de contato com a cultura japonesa e, apesar de sua extraordinária e crescente popularidade no Ocidente, ainda são pouco considerados como formas artísticas de expressão adequadas ao estudo e divulgação de uma determinada cultura. Este artigo procura mostrar as características desses gêneros, sua relação com a cultura japonesa e algumas influências que têm hoje em dia sobre a cultura ocidental.

Palavras-chave: Mangá, anime, histórias em quadrinhos, cultura japonesa.

INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos, é assombroso notar com que rapidez e intensidade os *mangás* (histórias em quadrinhos japonesas) e os *animes* (desenhos animados japoneses) se integraram ao cotidiano do mundo ocidental em geral e do Brasil em particular. Dezenas de títulos japoneses traduzidos para o português acotovelam-se nas bancas de jornal e agitam o mundo dos quadrinhos, bem como revistas especializadas que buscam atrair os leitores com títulos e manchetes como “Invasão mangá”, “Animangá”, “Animeworld” e semelhantes, isso sem falar nas horas e horas que a televisão – especialmente as emissoras de TV a cabo – reservam aos animes. Uma breve pesquisa na internet permite verificar o sem-número de *sites* dedicados ao assunto em todo o mundo e nas mais diversas línguas. Há uma extensa comunidade internacional de fãs de mangá e anime que compartilham, além de sua paixão pelas obras em si, um vocabulário específico e uma atitude comum frente à cultura e aos valores orientais subjacentes a esses produtos artísticos, mesmo que não compartilhem do *background* cultural original.

* A autora é Profa. Dra. do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP.

No entanto, embora o *boom* de tais gêneros no Brasil seja relativamente recente, o contato dos brasileiros com produtos da cultura de entretenimento japonesa já conta com uma longa história. Conforme o ótimo levantamento apresentado no número 21 da revista *Henshin*, o público brasileiro já tem contato com mangás, animes e séries *live-action* há aproximadamente 40 anos, desde os tempos da exibição, na década de 60, do seriado *National Kid* na televisão. Desde então, os brasileiros se acostumaram às séries que mostram heróis em luta com monstros que ameaçam a Terra, como *Robô Gigante*, *Vingadores do Espaço*, *Ultraman* e todas as suas variações, *Jaspion* e até mesmo *Patrine*, isso sem falar nos destemidos esquadrões *Changemen*, *Flashmen* e os “híbridos” *Power Rangers*. Dentre as séries de animação, não seria possível deixar de citar *Speed Racer*, *Kimba, o Leão Branco*, *A Princesa e o Cavaleiro*, *Fantomas*, *Super Dínamo*, *Guzula*, *Zillion* e os precursores da grande “invasão oriental” atual, *Cavaleiros do Zodíaco* e *Sailor Moon*. Tais nomes fazem hoje parte da infância e do imaginário de milhares de brasileiros.

Na área de histórias em quadrinhos, a penetração foi muito mais lenta, por causa principalmente da barreira da língua e das dificuldades inerentes à necessidade de tradução e rediagramação dos mangás, gerada pelo direcionamento da leitura oriental (da direita para a esquerda). Por muitos anos, apenas o mangá *Lobo Solitário* (*Kozure Okami*, com ilustrações de Kojima Goseki e texto de Koike Kazuo) conseguiu chegar com certa regularidade aos leitores brasileiros não-nipônicos. No entanto, segundo Luyten (2000), o Brasil é um dos pioneiros na leitura de mangás fora do Japão, devido à grande colônia japonesa no país. Em 1984 foi criada a primeira associação brasileira de mangás, dando origem a um número sempre crescente de clubes e associações de fãs de mangás e animes cujos esforços resultaram no grande número de séries hoje traduzidas para o português e vendidas no Brasil.

Contudo, o estudo acadêmico das histórias em quadrinhos em geral e do mangá em particular está apenas começando. Até o momento, a tese de doutoramento de Sonia Bibe Luyten, na Escola de Comunicações e Artes da USP, permanece como o único trabalho acadêmico de peso sobre o assunto, embora o Núcleo de Estudos de Histórias em Quadrinhos da ECA registre o interesse crescente dos estudantes em realizar estudos acadêmicos enfocando mangás. Mas qual a razão desse interesse tão grande dos brasileiros, ou mesmo de não-japoneses em geral, pelo mundo do mangá e dos outros dois vértices da “trilogia” identificada por Luyten (2002: 225), o anime e o *video game*? Em minha opinião, esses três produtos de entreteni-

mento direcionados ao grande público oferecem a alternativa de temas e de um estilo de comunicação que vem suprir lacunas deixadas pelos quadrinhos ocidentais. Vejamos, então, como as características de um produto da cultura de massa oriental podem influenciar o Ocidente.

CARACTERÍSTICAS DO MANGÁ

De acordo com o *site* japonês *A History of Manga*, mangás diferenciam-se dos quadrinhos orientais pelas seguintes características: serialização em periódicos, divisão do público-alvo e sofisticação narrativa.

Serialização em periódicos: no Japão, os mangás são quase sempre publicados em “capítulos”, em revistas mensais ou quinzenais que reúnem diversas séries, publicadas em preto-e-branco e em papel fino e barato, de modo que seu baixo custo permite tiragens altíssimas (mais de um milhão de exemplares por número) e grande penetração. As séries de maior sucesso podem estender-se por anos e são freqüentemente reeditadas em forma de livros.

Divisão do público-alvo por idade e sexo: os mangás japoneses dividem-se principalmente em mangás para homens e mangás para mulheres, e cada um desses grandes grupos subdivide-se em mangás para crianças, jovens e adultos. Ao contrário do que acontece no Ocidente, a leitura de mangás não é restrita a crianças ou a jovens, atingindo todas as faixas etárias e todas as camadas da população e respondendo por ¼ do material impresso no Japão (excetuando-se os jornais). Segundo Luyten, o Japão é o país com o maior número de pessoas letradas que lêem regularmente histórias em quadrinhos, o que mostra a inserção total do mangá no cotidiano japonês.

Sofisticação narrativa: o mangá narrativo (ou *sutourii-man*) atingiu um nível de complexidade e sofisticação da narrativa que o fazem freqüentemente ser comparado ao cinema. A diagramação das histórias e as características gráficas utilizam-se de técnicas muito semelhantes às do cinema, no que se refere à montagem, cortes, planos, tensão dramática e uso da luz. Em *A History of Manga*, encontramos as seguintes observações:

[...] Enquanto o principal elemento composicional no cinema é o corte (ou montagem), no mangá esta função é cumprida pelo quadrinho ou *koma*. A sintaxe da disposição dos quadrinhos é altamente sofisticada, tornando possível uma visualização sem interrupções da

narrativa. Enquanto os quadrinhos ocidentais tendem a ser dirigidos pelo tema, o *sutourii-man* japonês privilegia o desenvolvimento dos personagens. No mangá japonês o tema se apresenta através das palavras e ações dos personagens, de modo que o leitor seja capaz de experimentar o tema através de um processo de identificação psicológica com os protagonistas. O sucesso deste método é o responsável pela extraordinária popularidade do gênero mangá (*A History of Manga*, 1998)¹.

Podemos verificar rapidamente duas vantagens que mangás e animes oferecem ao público ocidental: a primeira é a grande variedade de temas tratados e a diversificação do público-alvo. Embora até o momento tenham sido privilegiados no Ocidente os mangás e animes que apresentam lutas, batalhas e outros temas considerados violentos, na realidade há mangás de todos os tipos no Japão: mangás de esportes, românticos, de terror, eróticos, didáticos, humorísticos, históricos, literários, de ficção científica etc. O fato de que mangás e animes “violentos” tenham sido os primeiros a conquistar o mercado ocidental certamente advém do fato de que os editores ocidentais procuraram no mercado japonês histórias correspondentes àquelas oferecidas ao seu público tradicional de histórias em quadrinhos, composto principalmente de meninos e homens jovens.

No entanto, um dos grandes trunfos do mangá no Ocidente é o estilo *shoujo*, ou seja, mangás feitos para mulheres e muito frequentemente também por mulheres (o que no Ocidente é praticamente inexistente). Os mangás femininos têm um estilo característico e não são lidos apenas por mulheres, representando, assim, uma alternativa aos temas e estilos convencionais dos quadrinhos ocidentais, escritos por homens e dirigidos a um público essencialmente masculino. Em um artigo na revista *Nikkei Heritage*, Shaenon Garrity comenta como o estilo *shoujo* tem ganhado público, influenciado artistas americanos e estimulado cada vez mais o surgimento de autoras e desenhistas de histórias em quadrinhos no estilo mangá nos Estados Unidos.

1. *While the main compositional element in film is the cut (or articulation), in manga this function is fulfilled by the frame, or koma. The syntax of koma arrangement is highly sophisticated, making possible a seamless visualization of the narrative. While Western narrative comics tend to be theme-driven, Japanese sutourii-man privilege character development. In Japanese manga the theme is made apparent through the words and actions of the characters, such that the reader is able to experience the theme through a process of psychological identification with the protagonists. It is the success of this method which accounts for the extraordinary popularity of the manga genre* (*A History of Manga*, 1998).

A segunda grande contribuição do mangá é sua riqueza narrativa e seu caráter eminentemente visual, fortemente influenciado pela linguagem do cinema e da TV, o que facilita sua inserção em uma sociedade principalmente visual como é a atual. Em um fanzine da Abrademi (Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Ilustrações), há uma tradução de um texto do desenhista americano Scott MacCloud no qual ele atribui o sucesso do mangá em todo o mundo a uma verdadeira “tecnologia” de contar uma história. De acordo com ele, “os criadores de mangá usam uma série de técnicas narrativas que podem aumentar o poder de qualquer história. E quase todas essas técnicas visam a um só objetivo: estimular o envolvimento do leitor”. São característicos de mangás e animes o predomínio da imagem sobre o texto (há poucos diálogos e freqüentemente muitas páginas sem texto) e a importância dada à expressão facial e corporal, bem como a cuidadosa caracterização de paisagens e ambientes.

Mangás buscam o envolvimento total do leitor em um mundo à parte, no qual ele pode viver suas fantasias e escapar às tensões do cotidiano. Luyten cita a leitura de mangás como uma das maneiras que os japoneses encontram para escapar à rígida sociedade japonesa e às frustrações geradas pela vida em um país superpovoado. As técnicas narrativas do mangá levam o leitor a identificar-se com os protagonistas das histórias e vivenciar suas angústias e vitórias, em um verdadeiro processo catártico. Para tanto, é necessário que o personagem seja desenvolvido da maneira mais verossímil possível e que habite um mundo muito próximo ao do leitor (ao menos até o momento da sua identificação com o personagem). Desse modo (e ao contrário da maioria dos protagonistas das histórias de super-heróis que costumam ser o paradigma dos quadrinhos ocidentais), o protagonista dos mangás é geralmente uma pessoa comum, sem grandes habilidades ou mesmo qualidades, que se vê repentinamente arrancada de seu cotidiano e confrontada com situações que a põem à prova, forçando-a a desenvolver-se física ou espiritualmente a ponto de sobreviver e vencer os desafios propostos.

Os personagens dos mangás são muito mais próximos das pessoas comuns e normalmente não apresentam os traços maniqueístas que geralmente determinam os pares de “mocinho” e “bandido” nas histórias ocidentais. Mesmo os personagens “maus” são apresentados com as razões que os levaram a ser o que são e a possibilidade de redenção (muito freqüentemente através da morte) está sempre presente, provavelmente por influências do budismo.

A CULTURA JAPONESA NOS MANGÁS E ANIMES

Os mangás e animes, como legítima expressão cultural do povo japonês, incorporam sua visão de mundo particular que, por sua vez, é transmitida automaticamente aos leitores e espectadores, mesmo àqueles que cresceram e que vivem em outras culturas e têm pouco ou nenhum contato com a realidade japonesa. Luyten traz alguns exemplos de como o caráter nacional japonês se apresenta nas figuras dos heróis de mangás:

Os heróis e heroínas representam uma miniatura da vida dos leitores [...]. Apesar da idolatria pela máquina, especialmente eletrônica, nos mangás, a figura principal é quase sempre um ser humano. A dicotomia Golias *versus* Davi aparece com uma constância exaustiva e, na realidade, representa como o japonês se sente: pequeno e fraco mas inteligente, contra grandes forças brutais. [...] os quadrinhos masculinos partem de uma realidade existencial e factual para somente então enveredar-se pelos sonhos e pelas aventuras. Nos femininos, vemos tudo o que a mulher não é, porém gostaria de ser: um padrão de beleza diferente, desejada pelo homem e livre em seus atos.

Já os mangás infantis, de certa forma, repetem essa dicotomia, mas a eles se acrescentam, como não poderia deixar de ser, um didatismo vigilante e as noções do bem e do mal sempre muito claras. Há um otimismo permanente que traduz aquilo que deve sentir um ser humano no início de sua vida, sem que lhe atormentem as grandes dúvidas e dores da existência.

A maneira de agir dos heróis e das heroínas do mangá revela também alguns traços comuns do povo japonês. Conformismo e auto-sacrifício são atitudes frequentes no desenrolar das histórias e no cotidiano real. Autodisciplina e rigidez moral emergem de características profundamente enraizadas no que se costuma chamar *yamato damashii*, ou seja, o espírito japonês, como uma herança medieval [...] (Luyten, 2000: 221s.).

Embora tendo sempre em mente a necessidade de relativizar as afirmações expostas de modo bastante generalizado por Luyten (por exemplo, conquanto esteja sempre muito claro qual partido é considerado “certo” ou “errado”, ainda considero que os mangás e animes têm um conceito de “bem e mal” muito mais fluido e realista do que a maioria dos produtos ocidentais de entretenimento), podemos ver aqui como o caráter japonês se manifesta através da trama e das ações e do caráter dos personagens.

Além disso, nota-se que mangás e animes têm uma forte presença de elementos simbólicos típicos do imaginário japonês, geralmente ligados à natureza. Para apreciar toda a força dramática dos mangás é necessário levar em conta a tradição japonesa de transmissão de idéias menos por palavras e mais por símbolos e convenções. Quanto a isso, Luyten faz a seguinte observação:

[...] as histórias estão repletas de elementos simbólicos e de grande variedade de convenções, todas expressas não-verbalmente; estabelecem uma comunicação muito íntima entre o artista e o leitor japonês. São códigos de imagens já convencionadas ao longo dos anos dentro da cultura japonesa, os quais têm o mesmo peso das palavras. Desconhecendo-se as chaves dessa linguagem, perde-se parte do conteúdo expresso [...] (*Op. cit.*, p. 172).

Concordo que a diferença cultural dificulta a compreensão total de obras japonesas por ocidentais, mas alguns elementos são tão evidentes, que um olhar atento e sensível certamente poderá aproveitar muito deles. Símbolos mais recorrentes nos mangás e animes acabam-se impondo, mesmo apesar das diferenças culturais, simplesmente pela sua repetição constante e associação com acontecimentos da história, como um *Leitmotiv*. Qualquer leitor assíduo de mangás ou fã de animes acaba por entender o simbolismo das flores de cerejeira esvoaçando ao redor do personagem prestes a morrer, ou da chuva que cai escondendo as lágrimas do protagonista. O leitor estrangeiro de mangás acaba por descobrir um novo código visual e a compreendê-lo, certamente não como um japonês nativo, mas pelo mesmo mecanismo que nos permite usufruir obras artísticas produzidas em culturas diferentes da nossa. Assim como a cultura brasileira e a língua portuguesa são amplamente divulgadas por nossas novelas televisivas, os mangás e animes japoneses levam o interesse pela cultura japonesa a milhões de pessoas de maneira leve e envolvente.

INFLUÊNCIA DOS MANGÁS E ANIMES NO OCIDENTE

Ainda há outros elementos comuns em mangás e animes e que praticamente nunca são abordados nos quadrinhos do Ocidente, tais como: religião, sexualidade, derramamento de sangue, mortes injustificadas, elementos sobrenaturais. Tais temas saltam aos olhos ocidentais e nos fazem experimentar uma visão diversa da

nossa, possibilitando um alargamento dos horizontes e um aumento da tolerância à diversidade cultural, que tanto se vê ameaçada nos dias atuais.

Mas a influência mais clara de mangás e animes no Ocidente é a criação do chamado “estilo mangá” no desenho e diagramação de histórias em quadrinhos e mesmo desenhos animados ocidentais. Luyten registra a presença de desenhistas brasileiros de quadrinhos que utilizam o estilo mangá desde a década de 50 (pp. 238 e ss.), mas na última década o interesse pelo estilo tem crescido de forma assombrosa e não apenas no Brasil. Além do já citado artigo de Garrity sobre a incorporação do estilo *shoujo*, vemos que até as grandes editoras americanas de quadrinhos, que praticamente detêm o monopólio das HQs no Ocidente, viram-se forçadas, pela pressão do mercado, a produzir histórias no estilo mangá, como a série “Marvel Mangaverse”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora geralmente desprezados como material para pesquisas acadêmicas e estudos culturais, histórias em quadrinhos e desenhos animados em geral e, em especial, os mangás e animes são indubitavelmente uma rica fonte de contato com a sociedade e a herança cultural japonesa, colocada cada vez mais ao alcance do mundo ocidental. Pela narrativa bem estruturada e técnicas visuais envolventes, o “estilo mangá” tem alcançado enorme sucesso e grande identificação nas mais diversas faixas etárias e sociais em todo o mundo. Mangás e animes são uma ponte para a cultura japonesa moderna, bem como para o imaginário oriental e seus códigos de expressão. Mais que programas oficiais de incentivo ou leis regulamentando a tolerância e o respeito à diversidade cultural, a atividade artística, aliada à força dos meios de comunicação, parece lembrar aos seres humanos que todos compartilham as mesmas aspirações básicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Dai Nippon Printing Co.Ltd. *A History of Manga*. 1998, http://www.dnp.co.jp/museum/nmp/nmp_i/articles/manga/manga1.html.
- GARRITY, Shaenon. “Where the girls are”. In: *Nikkei Heritage*. Vol. IX, Nr. 2. San Francisco, National Japanese American Society, 2002.

Henshin – anime, mangá, live-action. Ano 1, nr. 21. São Paulo, JBC, 2001.

LUYTEN, Sonia Bibe. *Mangá – O Poder dos Quadrinhos Japoneses*. São Paulo, Hedra, 2000.

MACCLOUD, Scott: *Para Entender Mangá e Anime*. Abrademi (Associação Brasileira de Desenhistas de Mangá e Ilustrações), fotocópia, sem data.

Abstract: Japanese manga (comics) and anime (cartoons) are an excellent source of contact to Japanese culture, although they are still hardly seen as artistic forms of expression adequate to investigation and popularization of a given culture. This paper will present the main characteristics of those genres, their relationship to Japanese culture and some influences they exercise on today's Western culture.

Keywords: Manga, anime, comics, Japanese culture.